

UM NOVO OLHAR SOBRE A CIDADE: MANDAGUARI (PR)GERSON TREVISAN SIQUEIRA¹MARGARIDA PERES FACHINI²

RESUMO: O estudo efetuou um resgate dos processos geográficos e históricos no município de Mandaguari-PR, com ênfase no sítio urbano. O projeto "Um novo olhar sobre a cidade", enfocando a paisagem urbana, envolveu aproximadamente 100 alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, nas aulas de Geografia no Colégio Estadual José Luiz Gori, de Mandaguari. Utilizou-se diferentes recursos didáticos e tecnológicos, como a TV pendrive e a Sala de Informática. A pesquisa de campo objetivou educar a percepção dos alunos para a paisagem, ampliando a visualização, questionamento e contextualização do mundo fora da escola. Nesse percurso de estudos, os discentes tiveram contato com a paisagem física e construída: arborização, importância das casas de madeira (peroba) como resgate da colonização e da antiga floresta que aqui existia, a importância social e econômica das praças, a ferrovia e o bairro (periferia). Foram elaborados textos, murais com fotos antigas do município, entrevistas com pioneiros ou seus familiares, roteiros, croquis e mapas. Na Sala de Informática foi utilizado o programa Google Earth, possibilitando vista aérea da paisagem, através das fotos tiradas por satélite. Puderam visualizar detalhadamente: áreas urbana e rural, remanescentes de áreas florestais e matas ciliares, localização do colégio, ruas do percurso casa-escola e o telhado das próprias casas. Também foi utilizado o site www.mandaguari.pr.gov.br. No trabalho de campo, fotografou-se a paisagem no trajeto escola-bairro. Os alunos se mostraram muito envolvidos com o projeto, o que demonstra a importância de se trabalhar a realidade concreta nos processos de entendimento da paisagem geográfica.

PALAVRAS CHAVE: geografia. paisagem. sítio urbano. tecnologias. ensino.

ABSTRACT: This study has done a ransom of geographical and historical processes at the city of Mandaguari-PR, with emphasis on the urban area. The project called “A New Look at the City”, focusing on the urban landscape, involved almost 100 students from fifth and sixth series of elementary school, during the Geography classes at José Luiz Gori State School, from Mandaguari. Many teaching and technological resources were utilized, for example the TV Pendrive and the Computer Room. The research with people tried to teach the students perception to the landscape, increasing visualization, questioning and contextualization of the world outside school. During this studies journey, the students were in contact with physical and built landscape: forestation, the importance of the houses of wood (peroba), as ransom of the colonization and the old forest we had here, the social and economical importance of the squares, railroad and neighborhood (periphery). We prepared texts, photo murals of the old city, interviews with pioneers or their relatives, itineraries, sketches and maps. At the Computer Room we used Google Earth program, what allowed aerial views of the landscape, through satellite pictures. They were able to see details of the urban and rural areas, remaining forest areas and river forests, the location of the school, street route home-school and the roofs of theirs own homes. We also utilized the website www.mandaguari.pr.gov.br. In fieldwork, they photographed the landscape of the route home-school. The students were very involved with the project, which demonstrates the importance of working with the reality during the process of understanding geographical landscape.

KEY WORDS: geography, landscape, urban area, technologies, teach.

1

Professor de Geografia da Secretaria Estadual de Educação do Paraná

2

Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá

1- Introdução

Um real estudo da ocupação humana no norte do Paraná, especificamente no sítio urbano de Mandaguari, a partir de fontes orais (entrevistas com pioneiros ou familiares), documentos escritos, fotos, marcas da colonização presente nas construções e na paisagem geográfica. Uma atitude concreta para a aprendizagem sobre a paisagem foi levar os alunos a um trabalho de campo, para que eles possam visualizar, perceber, questionar e contextualizar o mundo fora da escola.

Saindo da escola, vamos até alguns pontos da cidade para termos contato com a paisagem. Observar e aprender sobre a importância das edificações, educação ambiental, meios de transporte, enfim aquilo que foi transformado pelo homem nesse percurso, e as marcas dessa ocupação no espaço geográfico. É importante ao educando saber mais sobre o espaço regional e local em que vive e atua como cidadão, entender quais fatores, sejam eles de ordem natural, política, econômica e social foram responsáveis por essas transformações. Um resgate que vai contribuir para a reflexão sobre a organização espacial do sítio urbano de Mandaguari.

O objetivo do presente estudo foi reconhecer e identificar as unidades da paisagem, física e construída, bem como a educação ambiental, a valorização do histórico-cultural, ordenando os atributos da paisagem e do espaço geográfico.

2 - A paisagem urbana

O conceito de paisagem abrange uma realidade onde, na maioria das vezes, as relações entre seus elementos não são visíveis. Entre as várias definições de paisagem, temos a do geógrafo Milton Santos: *“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do*

visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1991, p.61)

Os termos paisagem e espaço estão unidos, pois o espaço ocupado entra na definição da paisagem e a paisagem é característica de uma certa porção do espaço geográfico. A cidade existe desde antes de Cristo, porém a concepção de cidade como interpretação econômica intensificou-se com a Revolução Industrial, quando a população concentrou-se nas cidades em busca de trabalhos nas fábricas. *“A cidade liberou alguns homens da servidão e colocou, nitidamente, os homens livres nas cidades e os homens servos no campo”.* (TUAN, 1980, p.172-190).

No Brasil, o fenômeno da urbanização é recente, os índices de população urbana superaram a população rural somente a partir das décadas de 1950 e 1960, conforme as diferentes regiões do território brasileiro. Em consequência da industrialização, do êxodo rural e, mais recentemente das tecnologias modernas, observam-se por toda parte rápidas transformações no espaço urbano. *“As cidades são locais que mudam de conteúdo, antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica”.* (SANTOS, 1998, p.51).

Toda vez que a sociedade atravessa um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. O mesmo ocorre em relação ao espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

“Uma região produtora de algodão, de café ou de trigo. Uma paisagem de tipo europeu ou de tipo americano. Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isto são as paisagens, formas mais ou menos duráveis. Seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações.”(SANTOS, 1986, p. 37).

Algumas atividades envolvendo o tema “paisagem” podem ser abordadas, como por exemplo: O que você entende por paisagem ? Quais são os elementos que constituem, ou seja, fazem parte de uma paisagem ? Como é a sua paisagem ? Faça um roteiro (planta) do seu percurso casa-escola e identifique os elementos naturais e os elementos humanizados dessa paisagem.

2.1 - O aprendizado sobre a paisagem

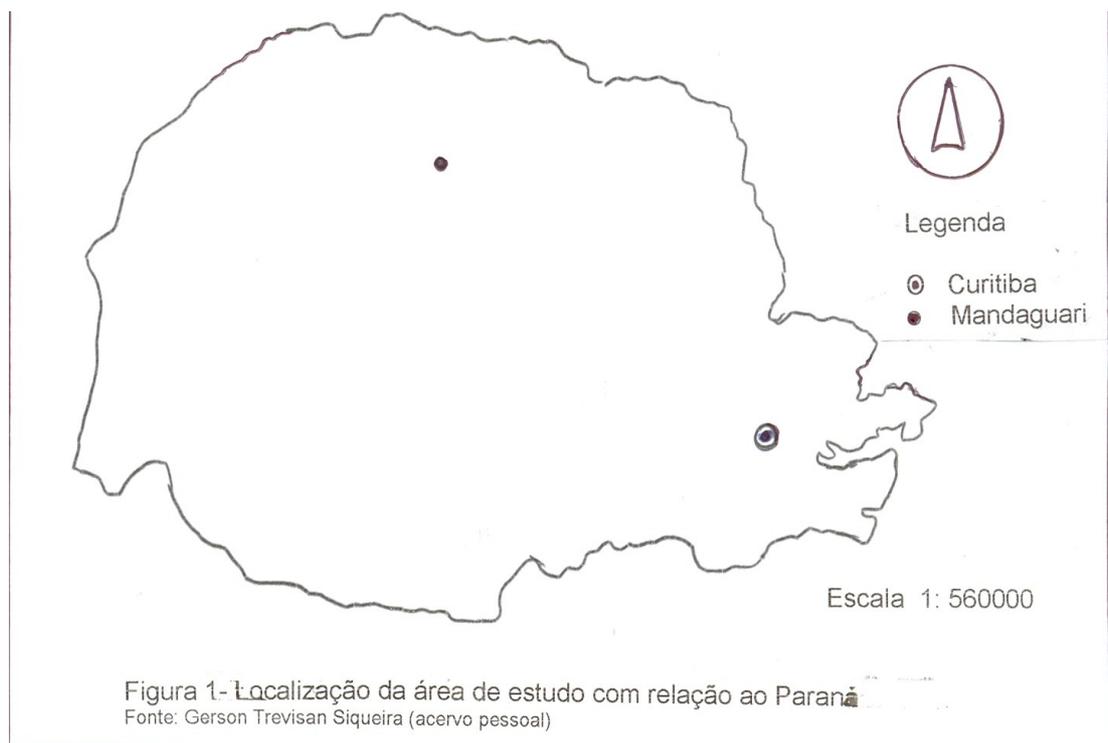
Aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc, a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. Inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre as pessoas. O desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações propícias ao aprendizado. *“Um aspecto especial da percepção humana, que surge em idade muito precoce, é a percepção de objetos reais. Isso é algo que não encontra correlato análogo na percepção animal. Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado”*, (VYGOTSKY, 1984, p. 37). O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é fundamental para o seu desenvolvimento

O processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças. *“O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado*

com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”. (VYGOTSKY, 1984, p. 94).

3 - Área de estudo: Mandaguari-PR

Mandaguari é um município localizado no terceiro planalto do estado do Paraná, no sul do Brasil, sendo suas coordenadas geográficas 23° 31' de latitude sul e 51° 41' de longitude oeste. Tem sua história vinculada a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, a qual impulsionada pelo ciclo do café foi a primeira responsável pela colonização da região.



Com uma área de 343 km², sendo os limites ao norte com os municípios de Astorga, Sabáudia e Araçongas. Ao sul faz fronteira com Jandaia do Sul, Bom

Sucesso e Cambira. A leste limita-se com Apucarana e a oeste com Marialva. A distância até capital (Curitiba) é de 400 km. Sua altimetria, é de 720 m e a população atual é de 33.093 habitantes. O município está inserido no divisor principal da bacia do rio Pirapó, que estabelece a divisa entre Mandaguari e os municípios de Astorga e Araongas, e que possui como afluentes os ribeirões Dourados, Vitória, Arassu e Alegre. O rio Keller, afluente da margem direita do rio Ivaí, é o marco divisório entre Mandaguari e os municípios de Jandaia do Sul e Marialva, seus afluentes são os ribeirões Cambota, Rochedo e Cambuí. Mandaguari pertence ao Terceiro Planalto Paranaense, com fisiografia de aspecto ondulado. O terreno é constituído de rochas basálticas do Mesozóico, dando origem aos solos do grupo dos latossolos. O clima pode ser classificado como subtropical úmido, mesotérmico, com verões quentes e geadas poucos freqüentes e uma certa tendência a concentração das chuvas nos meses de verão. Tomada por base a classificação de Köppen, o clima do município de Mandaguari está classificado em Cfa. A média de temperatura dos meses mais quentes é igual a 28°C e a média de temperatura dos meses mais frios é de 15°C. A precipitação fica em torno de 1200 a 1500 mm anuais. A cobertura vegetal original pertence a região fitoecológica da Floresta Estacional Semidecidual, rica em madeiras nobres como a peroba, cedro-rosa, pau-marfim, canafístula, canelas, figueira-branca, louro-pardo e a palmeira Jussara, entre outros. A partir da década de 1930 a 1940 foi desflorestada para práticas agrícolas, principalmente o cultivo do café.

3.1 - O processo de ocupação do norte paranaense

O desenvolvimento da sociedade paranaense, da mesma forma que a brasileira, desde o início da ocupação do território, esteve assentada em atividades

ligadas ao setor primário da economia. No caso da ocupação do norte do Paraná, região onde se situa Mandaguari, ocorre a partir da década de 1930, promovida pela Companhia de Terras Norte do Paraná, mais tarde, Cia Melhoramentos.

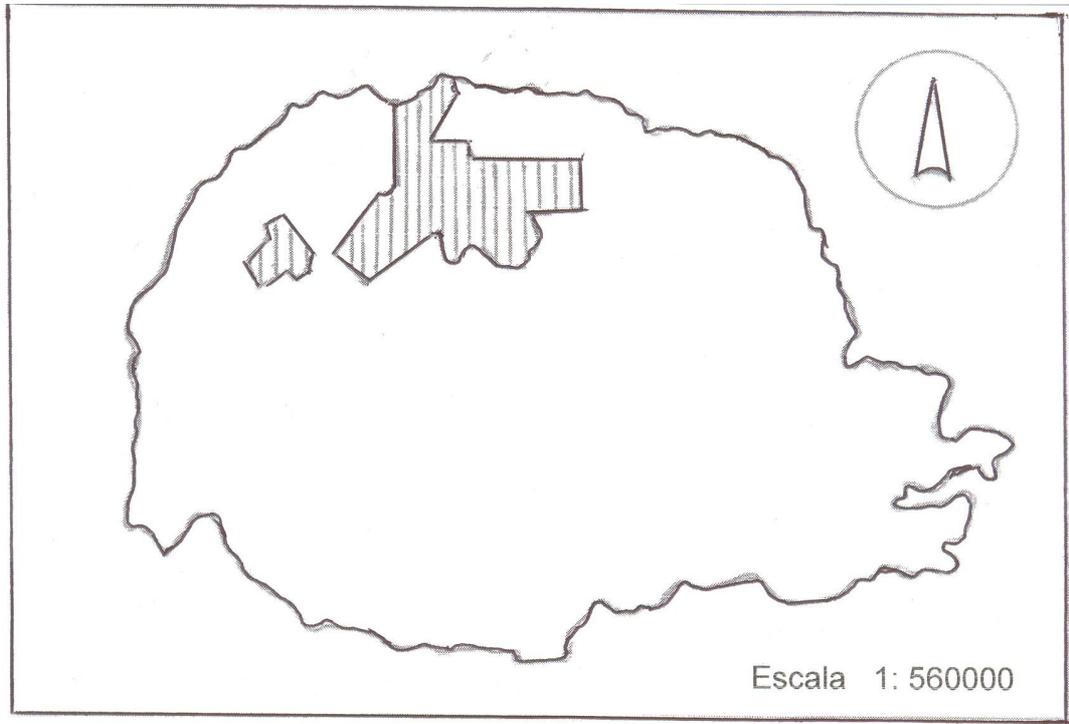


Figura 2- Área colonizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná.
Fonte: Gerson Trevisan Siqueira (acervo pessoal)

No corpo desse processo de colonização é *que se vai dar a ocupação das férteis “terras roxas”, vinculadas à economia cafeeira. “ A região do Norte Novo foi ocupada, desde o início, por pequenas e médias propriedades, a princípio voltadas para o cultivo do café e depois para outros gêneros alimentícios”.* (MORO, 1988. p.143)

Figura 3 - Pioneiros, homens decididos em colonizar uma terra. Venceram obstáculos, derrubaram árvores centenárias, abriram clareiras, implantaram serrarias e, com a madeira beneficiada, construíram as suas casas e organizaram a paisagem.

A Imagem pode ser visualizada no link abaixo:

<http://www.mandaguari.pr.gov.br/?key=d18f490d901a3bd1bcc7729e1cb12773&x=2>

A partir da década de 1960 e, notadamente, com maior ênfase nos anos 70, o Paraná passou por profundas transformações em sua base agrícola, que foi denominada de modernização da agricultura, contribuindo para um intenso processo de êxodo rural e o trabalhador sendo expulso do campo.

“Esse processo foi parcial, conservador e doloroso. Parcial porque o processo de transformação tecnológico ocorrido privilegiou alguns produtores (os grandes), algumas atividades (os produtos de exportação) e algumas regiões (o Centro-Sul); conservador porque o que tem ocorrido mantém e agrava o padrão histórico da distribuição da posse da terra, da estrutura agrária deformada desde suas origens e; doloroso porque longe de melhorar as condições de vida da população rural, piorou-a drasticamente, expulsando do campo milhares de trabalhadores, acentuando o êxodo rural”. (SILVA, 1982. p. 49-50).

Esse processo de deslocamento da população para os centros urbanos colocou ao poder público muitas questões a serem vencidas. No entanto, devido ao ritmo acelerado do processo, os governos locais não conseguiram equipar adequadamente a infra-estrutura de suas cidades para atender à demanda da urbanização. *“A urbanização crescente é uma fatalidade neste país, ainda que essa urbanização se dê com o aumento do desemprego, do subemprego e do emprego mal pago”*. (SANTOS, 1998. p.121). Desse modo, a qualidade de vida para boa parte da população dos centros urbanos acabou sendo comprometida.

3.1.1 - Breve histórico de Mandaguari

Mandaguari recebeu inicialmente o nome de Vila Vitória (1937). Orientados pela companhia colonizadora, famílias paulistas e mineiras. Sobretudo, derrubaram árvores centenárias, abriram clareiras, construíram serrarias e, com a madeira beneficiada, fizeram suas casas. Em 1938, passou a se chamar Lovat, uma homenagem ao inglês Lord Lovat (Simon Joseph Fraser), presidente da companhia

de terras Norte do Paraná. Curiosamente, em 1942, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro determinou a substituição dos nomes de cidades de origem alemã. O funcionário responsável mudou o nome da cidade para Mandaguari, achando ser Lovat, nome de origem germânica.

Figura 4- Aeroporto de Mandaguari, no auge da economia cafeeira.

Visualize a imagem no link abaixo:

<http://www.mandaguari.pr.gov.br/?key=d18f490d901a3bd1bcc7729e1cb12773&x=2>

Existem muitas discussões acerca do significado de Mandaguari. A origem indígena designa uma espécie de abelha, mas a atribuição desse nome deve-se provavelmente ter originada do nome do ribeirão que delimitava com Jandaia do Sul.

4 - Procedimentos metodológicos

4.1 - Trabalhando a geografia da percepção

Ao longo do desenvolvimento humano, a percepção torna-se cada vez mais um processo complexo. Ela age num sistema que envolve outras funções. Ao percebermos elementos do mundo real, fazemos inferências baseadas em conhecimentos adquiridos previamente e em informações sobre a situação presente, interpretando dados perceptuais à luz de outros conteúdos psicológicos. *“Percebo o objeto como um todo, como uma realidade completa, articulada e não como um amontoado de informações sensoriais”.* (VYGOTSKY, 1984. p.42).

O homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo: planejar, estabelecer relações, compreender, associar. A capacidade de lidar com representações que substituem o real possibilita ao homem libertar-se do espaço e

do tempo presentes, efetuar relações mentais na ausência das coisas, imaginar e planejar intencionalmente. *“Ao trabalhar com processos superiores, as representações mentais da realidade exterior são na realidade, os principais mediadores a serem considerados na relação do homem com o mundo.”* (OLIVEIRA, 1993. p.20-72).

Valorizar o sentido que os alunos dão ao seu espaço de vida pode ser útil na geografia escolar, quando o objetivo é fazer que eles aprendam, manipulem e compreendam o complexo e o uso do raciocínio geográfico no estudo dos problemas socioespaciais. Uma atitude concreta para a aprendizagem da paisagem e outros temas, é levar os alunos a um trabalho de campo, para que eles possam visualizar, perceber, questionar e contextualizar o mundo fora da escola.

O estudo da paisagem, com destaque ao sítio urbano de Mandaguari, aplicado às áreas do ensino fundamental, contou a participação de cem alunos, sendo as aulas tanto teóricas como práticas. Nas aulas teóricas e práticas foram utilizadas diferentes metodologias, entre as quais, aulas expositivas com o auxílio da tvpendrive, computador e data show (programa de localização geográfica Google Earth), mapas, bússola, elaboração de textos, trabalhos e croquis.

5.1 - Questionamento ambiental: a poluição visual

Podemos citar como exemplo de poluição visual: outdoors, antenas, postes e fios elétricos em excesso, má conservação das fachadas dos prédios e casas, falta de arborização, lixo acumulado, etc.

Vivemos numa sociedade capitalista, onde uma das suas características é a livre concorrência entre as empresas. Você já ouviu dizer: “A propaganda é a alma do negócio”. Pois então, para colocar seus produtos e serviços ao alcance da

população, é comum as empresas utilizarem a propaganda como meio de incutir na sociedade a necessidade de consumir cada vez mais.

Outdoors em tamanhos exagerados podem retirar os referenciais arquitetônicos da paisagem urbana, sobretudo as fachadas históricas. Placas de trânsito e semáforos também comprometem a paisagem da cidade, mas torna-se justificável s sua presença.



Figura 5 - A poluição observada na foto é um dos aspectos da paisagem urbana, trazendo sérios prejuízos para o meio ambiente e para a qualidade de vida da população.

Fonte: <http://diaadiaeducação.pr.gov.br>

Em muitos casos, não só no Paraná, mas a nível de Brasil, muitas companhias fornecedoras de energia elétrica ou suas terceirizadas, realizam as podas das árvores em excesso, deixando a árvore em forma de Y, descaracterizando assim a paisagem, o que ocorre de forma intensa no percurso estudado. Segundo MORO (1976),

“A constante urbanização nos permite assistir o desenvolvimento nada harmonioso entre a cidade e a natureza, e a conseqüente substituição dos valores naturais por ruídos, edificações, poluição, entre outros, ocasionando conflitos entre as implantações humanas e a natureza, cujos reflexos negativos contribuem para a degeneração do ambiente urbano, proporcionando condições nada ideais para a sobrevivência humana”.



Figura 6 - Outdoors, placas publicitárias, poda exagerada das árvores, postes, fios, semáforos. A poluição visual está presente na paisagem.
 Fonte: Gerson Trevisan Siqueira (acervo pessoal)

A percepção ambiental, memória cultural e práticas do dia-a-dia tornam-se necessárias para os estudos sobre a cidade, objetivando o quanto o ser humano, enquanto produtor do espaço geográfico, faz essa apropriação, o que implica diretamente na qualidade de vida dessa população.

Um dos vários textos trabalhados com os alunos foi; “Estudos preliminares da poluição visual - campus da Universidade Estadual de Maringá”. Orientados pela Professora Margarida Peres Fachini- DGE/UEM, alunos da graduação em Geografia fizeram um estudo cuja finalidade foi avaliar os níveis de ocorrência, tanto quantitativo como qualitativo, de poluição visual no campus universitário da UEM, município de Maringá-PR. Para constatar os índices de elementos poluidores em questão foram considerados também os seguintes atributos: faixas, cartazes, grafias, além de resíduos sólidos. Constatando a ocorrência em superfícies, paredes, árvores, gramados, postes de iluminação e canteiros de jardinagem e sob qual contexto estão nestes lugares (campanhas políticas, propaganda, protestos, vandalismo entre outros). Foram também observados quanto a sua natureza dividindo em duas categorias, as dos materiais com longa duração (tinta, plásticos e tecidos) e curta duração (giz, papel). O estudo demonstrou que a poluição visual no

campus universitário desarmoniza a composição paisagística, tanto estética quanto no espaço arquitetônico.

5.2 - O desflorestamento das madeiras nobres

No início da sua ocupação, o Norte do Paraná possuía um solo riquíssimo, coberto por uma floresta exuberante, rica em perobas e a palmeira jussara ou palmito. Essa mata foi devastada para a exploração econômica das madeiras, que também serviram para a construção das primeiras casas, ranchos, mourões e tudo o necessário. Nesse processo destacam-se as serrarias, que serviram para o desenvolvimento local na medida em que fixaram o trabalhador na região, surgindo povoados, gerando renda financeira.

Figura 7- Madeiras nobres foram utilizadas para a construção das casas, ranchos, mourões e o necessário. E a floresta, o que restou dela ?

Visualize a imagem no link abaixo:

<http://www.mandaguari.pr.gov.br/?key=c2e180df291adc22f806b4abb829c8b7&x=2>

5.3- Casa de madeira: marcas da ocupação do território

As casas de madeira também resgatam o processo histórico-geográfico da colonização de um território, tal estudo deve ser feito em vista da necessidade de se registrar um fato cuja tendência é o desaparecimento. No Norte do Paraná eram casas simples, de propriedade dos trabalhadores cuja renda só dava para comprar o lote e fazer uma pequena construção de madeira. Por curiosidade, esse tipo de construção, no modelo original, tinha o banheiro fora do corpo da casa. Depois de algum tempo, por volta da década de 1970, o banheiro foi agregado à casa.

Essas construções coincidem com terrenos de mais ou menos 600 metros quadrados, o suficiente para que o trabalhador tivesse sua casa, um pequeno pomar e horta. As casas de madeira do Norte do Paraná guardavam algumas semelhanças com o padrão construtivo de São Paulo e Minas Gerais, de onde vieram muitos dos pioneiros.

Podemos afirmar que as casas de madeira começaram a ser substituídas a partir as década de 1960 por casas de alvenaria, ou mesmo tornaram-se casas mistas (alvenaria e madeira). Como o custo de manutenção das casas de madeira era/é elevado (o tempo de apodrecimento da madeira varia entre 10 e 25 anos), muitas reformas foram sendo feitas, perdendo sua originalidade. Algumas casas de madeira estão sendo derrubadas e a madeira retirada do desmanche é comercializada, face serem consideradas madeiras de lei: peroba, marfim, cedro-rosa, louro-pardo, entre outras.

Proponho algumas atividades onde os alunos poderiam pesquisar se no lugar de vivência ainda existem casas de madeira ou outras marcas da ocupação humana nesse território. Ainda sobre as madeiras, fazer uma pesquisa sobre as espécies de árvores existentes para a arborização de ruas, avenidas e praças da cidade. Uma sugestão para o professor seria fazer uma visita aos viveiros de mudas (por exemplo: Emater, Embrapa) e saber mais sobre as diferentes espécies de árvores e sua utilização.

6 - Resultados

No trabalho desenvolvido com os alunos, a maioria destes associou o termo paisagem com a natureza (verde, rios, animais, a grama da escola, etc.). conclui-se que a percepção ambiental varia de uma criança para outra, em função da sua

educação, sua cultura e seus valores. Por exemplo: alguns alunos não conseguiam sozinhos associar a ausência de folhas em muitas árvores com a estação outono-inverno. De acordo com Vygotsky *“ a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão de mundo a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas”*. Por sua vez, *“ O professor tem o explícito papel de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente”* (REGO, 1999, p. 85).

Foi possível elaborar um percurso de estudos. Saindo da escola fomos até alguns pontos da cidade para ter contato com a paisagem. Observar e aprender sobre a importância das edificações, meios de transporte, como as pessoas se relacionam, a educação ambiental, enfim, aquilo que foi transformado pelo homem nesse percurso e as marcas dessa ocupação no espaço geográfico. A análise da percepção ambiental pode contribuir para a compreensão de que as paisagens são carregadas de significados e interesses.

Durante a implantação deste projeto na escola, foram feitas entrevistas com descendentes de pioneiros que colonizaram a nossa região; paulistas, mineiros, imigrantes europeus e asiáticos. Depois os alunos trocaram informações entre si e elaboraram cartazes (trabalho em equipe) sobre os resultados das entrevistas. Os alunos que participaram da implementação do trabalho na escola ficaram sabendo sobre o termo “terra roxa”. Foi explicado que os imigrantes chamavam a terra avermelhada de terra rossa, que na língua deles significa terra vermelha. Porém, o pioneiro norte-paranaense foi denominado de pé-vermelho, em decorrência dos solos avermelhados derivados do basalto, que coloriam seus pés.

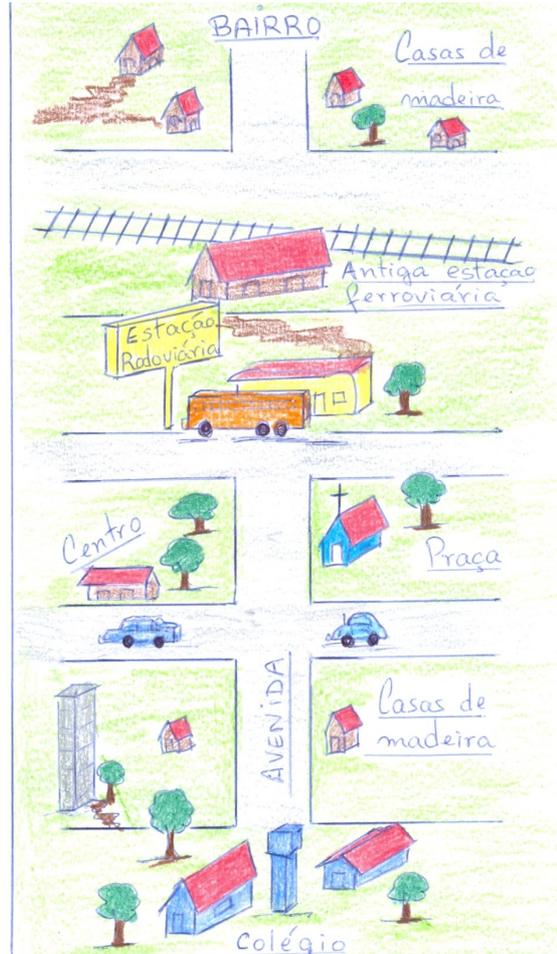


Figura 8 - Percurso de estudos elaborado pelo autor.

Os educandos ficaram surpresos ao saber que Mandaguari, no auge da economia cafeeira, possuía aeroporto. O local ficava onde hoje é a Sociedade Rural, um lugar onde se realizam festas e leilões de gado, no bairro Jardim Boa Vista (antigo Parque Aeroporto).

Nas atividades de campo sobre a paisagem urbana de Mandaguari, desenvolvidas com os alunos, estes observaram que existe pouca poluição visual em nosso município e que o patrimônio histórico (fachadas) não passa despercebido ou encoberto pela poluição visual. Os alunos citaram como poluição visual: resíduos sólidos não recolhidos, lixo acumulado em terrenos baldios e nas praças, lixo nas canaletas de escoamento das águas pluviais do colégio, o mal cheiro dos banheiros,

lixo acumulado e espalhado na frente do colégio (o caminhão da coleta só faz o recolhimento às segundas, quartas e sextas-feiras. Outros exemplos de poluição visual citados nos trabalhos dos alunos foram a pichação no muro da casa em frente ao colégio e marcas dos pés dos alunos nesse muro (enquanto esperam o transporte).

No decorrer da pesquisa de campo, os alunos tiveram contato, em maior ou menor grau, com a poluição visual. As principais reclamações dos alunos foram a substituição, há cerca de quinze anos, em boa parte da avenida principal (avenida Amazonas), das sibipirunas por quaresmeiras, que oferecem pouca sombra. Atualmente, a prefeitura só autoriza o corte das árvores que oferecem risco, árvores condenadas. Outro fato que incomoda os alunos é a rodovia BR-369 passando pelo centro da cidade, isso causa muitos transtornos para a população e para o trânsito na avenida Amazonas. Estuda-se a criação de um desvio (anel viário).

1) O que você entende por paisagem?
 Sobre paisagem natural: é uma paisagem que não foi modificada pelo homem.
 paisagem transformada: Por ex. comércio, desenvolvimento.

2) Como é a sua paisagem?
 Não tem paisagem natural só tem paisagem transformada porque só tem comércio, desenvolvimento, poluição etc.

3) Faça uma planta do seu percurso casa-escola e identifique os elementos naturais e os elementos humanizados dessa paisagem.

The drawing shows a path starting from a yellow house at the bottom, going up through a yellow house, a church, a row of colorful houses, a pond, a shop, and finally to a blue school building at the top. Labels with arrows point to these elements: 'casa' (house), 'igreja' (church), 'casa', 'casa', 'data magia', 'casa', 'casa', 'barragem' (pond), 'onde vende doces' (shop), and 'escola' (school).

Elementos humanizados

- Escala
- Casas
- Barragem
- data magia
- igreja
- altamari
- minha casa

Figura 9- Trabalho de aluno da 5ª série: os elementos humanizados da paisagem.

Na praça do Bom Pastor e praça Tiradentes, os alunos tomaram contato com as atividades que fazem parte do cotidiano, observando as pessoas da terceira idade fazendo ginástica na Academia da Melhor Idade. Também havia muita gente jogando baralho, e não eram somente aposentados. Para os alunos não foi curiosa a presença de vários “picaretas” de automóveis e motos, alguns deles eram parentes

de alunos. O passeio da família era comum nas tardes de domingo, freqüentando as praças. Tal fato nos dias atuais, é bastante raro, a sociedade capitalista torna os sujeitos individualizados. Ainda na praça, temos a Igreja do Bom Pastor, *“A Igreja parece ser um símbolo reconhecidamente universal, que liga o ser terreno ao céu”*. (TUAN, 1980, p.168). A supremacia religiosa é um símbolo de poder espiritual, político e econômico, exercido em especial, pela Igreja Católica, que em muitas cidades, ocupa um espaço central, envolto por uma praça. Geralmente os templos são construídos com alturas bem superiores à necessidade dos usuários, parecendo ser informação de que é um símbolo de poder e preponderância. A percepção ambiental religiosa da criança representa o poder mediado pela família, pela escola e pela cultura. Simbolicamente, as instituições, igreja e escola, servem a propósitos semelhantes, uma da catequização da alma e a outra, da mente.

A minha cidade

Eu conheço quase toda a cidade e aprendi a cuidar bem dela, não jogar lixo nas ruas, não quebrar nada. Também conheço as lojas, mercados, padarias, escolas e muito mais. Os lugares que eu mais gosto de ir são as lanchonetes e sorveterias. Outros lugares que eu já fui foram: bancos, praças, livrarias e o asilo. Assim é a minha cidade.

Texto produzido pelo aluno Diego- 5ª série

Alguns alunos, nas suas redações, deixaram bem claro a vontade de que Mandaguari tivesse mais cultura em geral, como as apresentações de teatro e música. Outra preocupação foi com relação ao desemprego, os educandos tem diversas pessoas da família, parentes, vizinhos e amigos trabalhando em cidades próximas. Também a imprudência no trânsito foi citada nos trabalhos.

Foram estudadas algumas casas de madeira na avenida Firmino Coraza (antiga avenida Paraná) e na rua Barão do Rio Branco (Jardim Esplanada). Existem

poucas construções originais, algumas são mistas (alvenaria e madeira), outras possuem uma edícula nos fundos.



Figura 10- Casa de madeira, rua Barão do Rio Branco, em Mandaguari. Nos fundos, casa em alvenaria. Os detalhes (veneziana) e a cor forte faz lembrar o país de origem dos pioneiros (Itália). O muro de placas pré-moldadas foi substituído por grades de ferro. No detalhe da varanda, os lambrequins para a decoração da fachada.
Fonte: Gerson Trevisan Siqueira (acervo pessoal)

Uma das casas estudadas chamou a atenção pelas cores fortes: vermelho e branco. A atual proprietária disse na entrevista aos alunos que era descendente de italianos, as cores originais eram vermelho (predominante) e detalhes em branco e verde, as mesmas cores da bandeira da Itália, sendo que os detalhes em verde foram substituídos pela cor branca. Foi explicado aos alunos que as janelas de madeira, chamadas de venezianas, esse nome lembra Veneza, a terra natal de seus avós. Nessa casa, notamos algumas tradições que foram alteradas, como por exemplo o muro de placas pré-moldadas foi substituído por grades de ferro. Um outro detalhe que chamou a curiosidade dos alunos foram os lambrequins, ou seja,

madeiras decoradas na fachada da varanda. Os lambrequins são chamados por muitas pessoas de “testeiras”.



Figura 11 - Outra casa de madeira na rua Barão do Rio Branco-Mandaguari. Essa foto tem por objetivo maior mostrar o tamanho dos lotes antigos: espaço para a casa, uma horta e pomar.
Fonte: Gerson Trevisan Siqueira (acervo pessoal)

Também chamou a atenção dos alunos o tamanho dos lotes, em torno de 600 metros quadrados. Como já foi dito anteriormente, lotes com espaço suficiente para a construção da moradia e um “quintal” para horta, pomar, criação de aves e animais de pequeno porte. Nos relatórios de entrevistas com moradores e parentes de pioneiros, apresentados pelos alunos, ficou claro que muitos educandos não imaginavam como era a vida das pessoas no passado, suas dificuldades, de onde vieram. As casas de madeira resgatam a memória da cidade, o que sobrou da vegetação original está na madeira (peroba, cedro-rosa, entre outras).



Figura 12 - Casa de madeira localizada na rua Barão do Rio Branco, em Mandaguari. A construção é original e segundo o proprietário, a casa foi feita na década de 1940.

Fonte: Gerson Trevisan Siqueira (acervo pessoal)

Ainda sobre o tema “casas”, foram trabalhadas em sala de aula duas músicas: Casinha Branca, de 1979, cujo compositor e cantor é Gilson, e a música Casa no campo, de 1972, cujos compositores foram Zé Rodrix e Tavito, e interpretada por Elis Regina. Foi realizado um debate sobre a idéia central de cada uma das músicas, e foram feitos relatórios como avaliação. Podemos dizer que os principais pontos de discussão, a partir das mensagens transmitidas pelas músicas foram: na canção Casinha Branca debatemos sobre o capitalismo, o isolamento e o individualismo, a vida no campo e agricultura familiar. Na música Casa no Campo, foi feita uma contextualização da década de 1970, destacando-se o rock, a amizade, a paz no mundo e a tentativa de uma sociedade diferente (movimento hippie).

Posso sugerir alguns locais onde os professores possam fazer a coleta de dados para um possível estudo sobre seu município:

- Banco de dados nas companhias colonizadoras;

- Casa da Cultura e Memória;
- Catálogo de fotos e mapas;
- Censos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).
- Cooperativas regionais e locais;
- Entrevistas com pioneiros ou seus descendentes;
- IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social);
- Museu Histórico e Geográfico;
- Prefeituras municipais (banco de dados).

7 - Conclusão

Estudar e conhecer o lugar inserido no contexto nacional e o resgate dos processos históricos de construção da paisagem geográfica, são muito importantes para a ampliação da visão de mundo dos educandos. Os detalhes da paisagem, que antes passavam despercebidos, foram amplamente estudados.

O ensino e a aplicação de métodos e técnicas, como as novas tecnologias que atualmente estão disponíveis nas escolas: tv pendrive, sala de informática, data-show, entre outros, podem incrementar o ensino/aprendizagem auxiliando o professor e fixando a atenção por parte dos alunos.

A aplicação da proposta de olhar a paisagem de uma maneira diferente, com aulas teóricas e práticas, mostrou resultados excelentes, com amplo envolvimento por parte da comunidade escolar.

8 - Referências

<http://www.mandaguari.pr.gov.br> Acessado em 03 de novembro de 2008.

LEMES, R.O.; TODA, L.Y.; FACHINI, M. P. **Estudos preliminares da poluição visual-Campus da Universidade Estadual de Maringá**. In: Anais, XIII Semana de Geografia, Maringá, p. 240-243, 2003.

MORO, D. A. **As áreas verdes e seu papel na ecologia urbana e no clima urbano**. Revista Unimar, v. 1, n. 2, Maringá, 1976.

_____. **O êxodo rural e o crescimento populacional da cidade de Maringá no período de 1970 a 1980**. Boletim de Geografia-UEM, Maringá, ano 6, n. 1, p. 143, 1988.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento- um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993, p. 20-72.

REGO, T. C. **Vygotsky - uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 85.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 2 ed., 1986.

SILVA, J. G. **Questão agrária e ecológica**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 49-50, 1982.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 37-95.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988, p. 103-117.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 22-37.

Obras consultadas

Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo, 1977.

CORREIA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 4 ed. , 2002.